

Reverberações da lírica moderna e a crise do sujeito na poesia contemporânea de Paulo Henriques Britto, Francisco Alvim e Iacyr Anderson Freitas

Felipe dos Santos Matias¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir algumas ressonâncias da lírica moderna e possíveis desdobramentos da crise do sujeito na poesia contemporânea de três poetas brasileiros: Paulo Henriques Britto, Francisco Alvim e Iacyr Anderson Freitas. Para tanto, selecionou-se como corpus alguns poemas dos mencionados autores, presentes nas seguintes obras: *Trovar claro* (1997), *A soleira e o século* (2002), *Poemas [1968-2000]* (2004), *Tarde* (2007), *Primeiras letras* (2007), *Quaradouro* (2007), *O metro nenhum* (2011) e *Formas do nada* (2012). Ao final do estudo proposto, pode-se dizer que, a partir das produções poéticas de Britto, Alvim e Freitas, é possível perceber reverberações de aspectos da lírica moderna na poesia relacionada à contemporaneidade, a qual também se volta para questões relativas à crise do sujeito na sociedade capitalista.

Palavras-chave: lírica moderna; poesia contemporânea; Paulo Henriques Britto; Francisco Alvim; Iacyr Anderson Freitas.

REVERBERATIONS OF MODERN LYRIC AND THE CRISIS OF THE SUBJECT IN CONTEMPORARY POETRY BY PAULO HENRIQUES BRITTO, FRANCISCO ALVIM AND IACYR ANDERSON FREITAS

Abstract: This paper aims to discuss some resonances of modern lyric and possible unfoldings of the crisis of the subject in the contemporary poetry of three Brazilian poets: Paulo Henriques Britto, Francisco Alvim and Iacyr Anderson Freitas. To do so, we selected as corpus some poems by the mentioned authors, present in the following works: *Trovar claro* (1997), *A soleira e o século* (2002), *Poemas [1968-2000]* (2004), *Tarde* (2007), *Primeiras letras* (2007), *Quaradouro* (2007), *O metro nenhum* (2011) and *Formas do nada* (2012). At the end of the proposed study, it can be said that, from the poetic productions of Britto, Alvim and Freitas, it is possible to perceive reverberations of aspects of the modern lyric in poetry related to contemporaneity, which also turns to issues related to crisis of the subject in capitalist society.

Keywords: modern lyric; contemporary poetry; Paulo Henriques Britto; Francisco Alvim; Iacyr Anderson Freitas.

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Doutor em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com período sanduíche (bolsa CAPES PDSE) na Universidade de Coimbra (UC), Portugal. E-mail: felipe.matias@unila.edu.br

Antes de se realizar qualquer estudo ou referência à poesia contemporânea, é necessário fazer alusão a dois nomes fundamentais da lírica moderna: Charles Baudelaire e Stéphane Mallarmé. Em relação a Baudelaire, é importante mencionar que os textos fundadores do conceito de modernidade foram escritos por ele, decorrentes de suas andanças crítico-criativas pela Paris de meados do século XIX, as quais o conduziram ao cerne das temáticas fundamentais para o artista moderno. Num desses textos ensaísticos, intitulado *O pintor da vida moderna*² (1863), Baudelaire cunha o termo que ficou conhecido como “modernidade”:

Assim ele vai, corre, procura. O quê? Certamente esse homem, tal como o descrevi, esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do *grande deserto de homens*, tem um objetivo mais elevado do que o simples *flâneur*, um objetivo mais geral, diverso do prazer efêmero da circunstância. Ele busca esse algo, ao qual se permitirá chamar de *modernidade*, pois não me ocorre melhor palavra para exprimir a ideia em questão. Trata-se, para ele, de tirar da moda o que esta pode conter de poético no histórico, de extrair o eterno do transitório (BAUDELAIRE, 1995, p. 859, itálicos do autor).

No que concerne a Mallarmé, é necessário dizer que ele desenvolveu a ideia de modernidade na linguagem, fazendo do espaço do poema uma tela de jogo, ao lançar, na obra *Um lance de dados jamais abolirá o acaso*³ (1897), seus dados-palavras sobre a página em branco. Nessa obra, o poeta e crítico literário francês indica o rumo para que, na poesia moderna, as palavras deixem de se expressar por meio de relações gramaticais e passem a irradiar por si mesmas as diversas possibilidades gráficas e significativas. Mallarmé é o responsável, então, por propor a fragmentação da frase e dos vocábulos, a descontinuidade em lugar da ligação, a justaposição em lugar da conjugação dos elementos. Acerca da importância de sua obra para o surgimento do

poema moderno, José Guilherme Merquior afirma o seguinte:

A partir da utilização, proposta por Mallarmé, de todos os modos de comunicação para uma compreensão total e para aprofundar o poema nos planos temporal e espacial simultaneamente, abriu-se o caminho para um novo conceito de texto poético. Surgiu o poema moderno visto como tensão dissonante, tanto na forma como no conteúdo; tensão que leva à inquietude. Autotélica, como algo independente que não anuncia nem prepara nada, a linguagem do poema de origem mallarmeana procura deslocar tanto quanto possível a correspondência entre os signos e o designado. Afinal o jogo com as palavras – o “lance de dados mallarmáico” – representa também um jogo de ilusionismo com a verdade, vindo confirmar a proposta formal, tanto da poesia moderna quanto do pensamento moderno sobre a poesia (MERQUIOR, 1974, p. 76).

É por meio das proposições de Baudelaire e Mallarmé que se inauguraram sendas para novas possibilidades poéticas, que se tornou possível desenvolver uma linguagem artística que representasse a era das máquinas, da industrialização, do crescimento urbano desenfreado, do surgimento das grandes metrópoles.

Na poesia do século XX, apesar de suas múltiplas manifestações, podem-se encontrar elementos de semelhança que permitem delinear certa unidade estilística, que tem suas raízes na lírica simbolista de vertente francesa. São considerados precursores do lirismo vanguardista, além de Baudelaire e Mallarmé, os seguintes poetas: o pré-romântico alemão Novalis; o estadunidense Edgar Allan Poe; e os poetas do Simbolismo Francês – Paul Verlaine, Arthur Rimbaud e Paul Valéry. Hugo Friedrich, em *Estrutura da lírica moderna*⁴ (1956), distingue duas polaridades na produção poética da primeira metade do século XX:

Não resta dúvida de que é preciso resguardar-se das simplificações. Todavia duas tendências delineiam-se no quadro geral que acabamos de esboçar e permitem uma primeira orientação. Elas são as mesmas que, no século passado, haviam sido iniciadas por Rimbaud e Mallarmé. Grosso modo, diremos que numa se trata

2 Le Peintre de la vie moderne, título em francês.

3 Un coup de dés jamais n'abolira le hasard, título em francês.

4 Die Struktur der modernen Lyrik, título em alemão.

de uma lírica formalmente livre, alógica; na outra, de uma lírica da intelectualidade e da severidade das formas. Uma e outra foram formuladas de forma programática, em 1929, e em verdade, com um contraste estridente. Uma das formulações deriva de Valéry: “Uma poesia deve ser uma festa do intelecto”. Os acréscimos que se reencontram no texto, conferem à formulação aquele refinamento que caracteriza por toda a parte as reflexões de Valéry. A outra formulação nasce do protesto; seu autor é o surrealista A. Breton. Diz: “Uma poesia deve ser a derrocada do intelecto”, afirmando, logo a seguir: “Perfeição é preguiça” (FRIEDRICH, 1991, p. 143).

A partir das ideias de Hugo Friedrich, depreende-se que existem dois tipos de lírica na poesia do século XX até os anos de 1950: uma intelectualizada, de grande rigor formal, iniciada por Mallarmé e continuada por Valéry, pela qual a poesia deve ser “uma festa do intelecto”; outra formalmente livre, alógica, iniciada por Rimbaud e elevada às últimas consequências pelo poeta surrealista André Breton, para o qual a poesia deve ser “a derrocada do intelecto”. Entretanto, o nítido contraste percebido entre os dois tipos de lírica não deve ser compreendido no sentido exclusivista, mas sim como indicação apenas da predominância de uma vertente sobre a outra num determinado poeta.

A correlação do “eu poético” com o denominado “eu empírico” é característica importante do gênero lírico, e a tensão entre ambos na poesia esteve desde sempre presente. Na lírica moderna, percebe-se constantemente este conflito, identificado no distanciamento (ou pelo menos na tentativa) entre essas duas instâncias do indivíduo. Isso ocorre, sobretudo, devido ao questionamento do “eu” diante da crise do sujeito na modernidade.

Na cena da modernidade, o “eu lírico” se fragmenta em personalidades múltiplas, assumindo um caráter camaleônico, propagando diversas ideias e “verdades”. Segundo Michael Hamburger, “difícilmente há um poeta moderno digno de ser lido que não solicite ao leitor que entenda e leve em consideração ‘a verdade das

máscaras” (HAMBURGER, 2007, p. 115). Dessa forma, o poeta consegue expandir e verbalizar sua percepção do mundo, refletir em diferentes focos sua experiência pessoal, transfigurando e recriando a realidade de muitos ângulos, dando vazão às suas distintas facetas. Entretanto, é importante frisar que Friedrich Nietzsche já tinha pensado, no fim do século XIX, na questão da dissolução do sujeito, fragmentando-o, refutando a premissa da autoconsciência e unidade: “Mas não existe um tal substrato, não existe ‘ser’ por trás do fazer, do atuar, do devir; o ‘agente’ é uma ficção acrescentada à ação - a ação é tudo” (NIETZSCHE, 1988, p. 43). A partir dessa observação, nota-se que quando se pensa na multiplicidade de vontades que estão no interior do próprio indivíduo, não existe um ser uno, mas um fazer, um agir. Para Nietzsche não há um sujeito homogêneo, único, coeso, responsável pelo querer, visto que o filósofo alemão vai contra a noção de sujeito cartesiano. A partir de suas ideias e reflexões, a noção de sujeito deixa de ser vista como a de um eu abstrato, estático e unitário, passando a ser entendido como uma entidade fictícia, na qual a vontade pode ser vista como o resultado de um intenso conflito.

Desse modo, pode-se argumentar que o “eu” é uma invenção ilusória que esconde relações de força. Se há pensamento, ele existe como sendo a parte mais superficial dessa relação entre forças. O pensamento manifesta os poderes que atuam no sujeito – os instintos e as paixões. Ele é o resultado das atividades inconscientes presentes no corpo. Nietzsche rejeita, então, as morais generalizadoras e conservadoras, vinculadas à noção de sujeito, pois elas induzem o ser humano a restringir ou a inibir suas potencialidades:

Todas essas morais que se dirigem à pessoa individual, para promover sua “felicidade”, como se diz - que são elas, senão propostas de conduta, conforme o grau de periculosidade em que a pessoa vive consigo mesma; receitas contra suas paixões, suas inclinações boas e más, enquanto tem a vontade de poder e

querem desempenhar o papel de senhor; pequenas e grandes artimanhas e prudências, cheirando a velhos remédios caseiros e sabedoria de velhotas; todas elas barrocas e irracionais na forma – porque se dirigem a ‘todos’, porque generalizam onde não pode ser generalizado –, todas elas falando em tom incondicional, todas elas condimentadas com mais de um grão de sal, mas apenas toleráveis, e por vezes, até sedutoras, quando aprendem a soltar um cheiro excessivo e perigoso, do ‘outro mundo’: tudo isso tem pouco valor medido intelectualmente, está longe de ser ‘ciência’, menos ainda ‘sabedoria’” (NIETZSCHE, 1992, p. 96).

Na passagem da poesia moderna à contemporânea, com a intensificação do processo de redução do sujeito a um número, uma matrícula, um mero instrumento de produção do sistema capitalista, a crise do conceito de personalidade se acentuou. Em oposição à poesia romântica, centrada sobre a exacerbação do sentimento individual, as líricas moderna e contemporânea buscaram/buscam prescindir da experiência vivida por um “ego”, atingindo (ou pelo menos tentando atingir) a despersonalização. Os poemas a seguir – do professor e poeta carioca Paulo Henriques Britto (1951-) e do diplomata e poeta mineiro Francisco Alvim (1938-) – possibilitam, respectivamente, a observação dessa despersonalização que ocorre no “eu lírico” da poesia contemporânea:

II

Então o que sou é o que digo?
Não há nada por trás desta voz?
Então não há ninguém comigo
quando eu e ela estamos sós?

Dá uma vertigem, uma pontada
um pouquinho abaixo do
umbigo
por dez segundos, e mais nada
(BRITTO, 2007, p. 78)

[...]

Um homem

De regresso ao mundo e ao
meu corpo
As estradas já não anoitecem à
sombra de meus gestos

nem meu rastro lhes imprime
qualquer destino
Sou a água em cuja pele os
astros se detêm
A pedra que conforma o bojo
das montanhas
O voo dos ares (ALVIM, 2004,
p. 21)

O primeiro poema, de Paulo Henriques Britto, é o segundo da seção intitulada “Cinco sonetos trágicos”, presente na obra *Tarde* (2007). O “eu lírico” de Britto tenta se despersonalizar, reduzindo-se a apenas uma voz, visto que “não há nada por trás desta voz”, “não há ninguém”. O poema representa um sujeito dissolvido, fraturado, contrapondo-se a qualquer tipo de lirismo subjetivo, de sentimento individual. Além disso, percebe-se que o poema é uma versão mutilada da forma mais tradicional do gênero lírico, o soneto, procedimento que remete à falência dos ideais clássicos.

Já o segundo poema, extraído da obra *Poemas [1968-2000]* (2004), de Francisco Alvim, também permite a inferência acerca da despersonalização do “eu lírico”, o qual se caracteriza como “a água em cuja pele os astros se detêm”, como “a pedra que conforma o bojo das montanhas”, como “o vôo dos ares”. Ele se transfigura na forma dos elementos e objetos representados, como a água e a pedra.

Em outro poema de Paulo Henriques Britto, cujo título é “Gramaticais”, também é possível perceber a despersonalização do sujeito, mas em um panorama distinto dos poemas analisados anteriormente, pois o “eu lírico” se afasta para pôr em evidência a concretude da linguagem, a plenitude e a multiplicidade das palavras, em contraponto ao seu vazio:

Gramaticais

Inabitáveis as ilhas
tão plenas de maravilhas
que nos acenam estrídulas

das enumeráveis sílabas

de um esplêndido substantivo
do outro lado do abismo
(BRITTO, 2007, p. 40)

Nota-se que o poema acima, da obra *Tarde*, é sobre as palavras, as quais, mesmo ilhadas e distantes, “inabitáveis”, resistem “plenas de maravilhas”, como último pilar de sustentação da existência do sujeito despersonalizado. Assim, pode-se depreender que elas, ainda que artificial e provisoriamente, emprestam sentido ao mundo, contrapondo-se à absurdidade e ao caos da existência vislumbrados pelas óticas das poéticas moderna e contemporânea. De forma análoga, nota-se no poema “Minueto”, do engenheiro e poeta mineiro Iacyr Anderson Freitas (1963-), que é possível observar certa despersonalização, visto que o “eu lírico” também se mistura às palavras, dissolvendo-se:

Minueto

eis a cor por dentro
da palavra os músculos
de cada letra

(onde o mundo se mostra
: nervo espora novelos)

eis quando se alinham as formas
o caos que é todo poema
eu dançando no meio
(FREITAS, 2007, p. 16)

Esse poema, extraído da obra *Primeiras letras* (2007), pode ser considerado como um metapoema, no qual o “eu lírico” percebe a palavra como um corpo humano, com músculos e nervos, se fundindo com elas e se misturando com “o caos que é todo poema”. Essa despersonalização é um indício de que o “eu lírico” procura se diluir no texto poético para evidenciar a dificuldade de se realizar a composição de um poema na sociedade contemporânea, a qual valoriza o fugaz, o efêmero, o utilitário. Dessa maneira, pode-se inferir que o

poeta evidencia, ao imergir no mundo da palavra e se afastar da realidade, o *modus vivendi* da sociedade atual, pautado no ciclo de produção e consumo, dominado pela ideologia capitalista neoliberal, a qual vê o ser humano como apenas um instrumento de trabalho, uma matrícula, um número qualquer, uma engrenagem, uma mão-de-obra que deve ser explorada ao máximo. Uma leitura tangencial a essa pode ser feita em relação ao poema “Oficina”, de Paulo Henriques Britto:

I

Escrever, mas não por ter
vontade:
escrever por determinação.
Não que ainda haja necessidade
(se é que já houve) de
autoexpressão,

ou sei lá qual carência faminta:
toda veledade dessa espécie
estando de longa data extinta,
resta o desejo (que se não cresce

por outro lado também não
míngua)
de estender frágeis teias de
aranha
tecidas com os detritos da
língua.

Uma ocupação inofensiva:
quem cai na teia sequer se
arranha.
(E a maioria dela se esquiva)
(BRITTO, 2012, p. 29)

No poema acima, presente na obra *Formas do nada* (2012), o “eu lírico” expressa a sua luta, o seu embate, o seu desejo de continuar escrevendo poesia, mesmo sabendo que essa espécie (de poetas) está “de longa data extinta”. Essa ideia de extinção relacionada aos poetas pode estar relacionada ao fato de que o sistema capitalista e a sociedade midiática da era da informação volátil contribuem para a minimização da importância desse tipo de composição literária, tornando-a desgastada, “inofensiva”, quase anacrônica. A

ideologia neoliberalista postula uma indústria cultural de massa, manipulável, que aliena o sujeito, ao proporcionar a ele um entretenimento “enlatado” de fácil e rápida compreensão. Para tanto, difunde aos quatro cantos do mundo globalizado que a arte da palavra é praticamente desnecessária na contemporaneidade, visto que a fruição de um poema é algo mais lento, reflexivo, solitário, postura contrária à velocidade do mundo contemporâneo. Desse modo, tem-se a ideia de que esse neoliberalismo afasta grande parte das pessoas dessa “teia” que é a poesia. Nas palavras de um dos versos do poema, “a maioria dela se esquia”.

Na poesia contemporânea, o “eu lírico” tem de se defrontar com o novo contexto de uma sociedade de massas e de mídias, na qual o sistema capitalista não mais se caracteriza apenas em termos de produção de objetos fabricados, mas também de circulação e assimilação de mercadorias por onde o que se veicula são valores culturais, por um lado heterogêneos, mas por outro lado determinados pela homogeneidade dos meios de sua circulação como informação. Os valores culturais disseminados por essa sociedade de massas e de mídias são fluidos, voláteis, efêmeros, descartáveis. De acordo com Zygmunt Bauman, trata-se de uma modernidade na qual “tudo é líquido, fluido, volátil. A modernidade é como os líquidos que ‘fluem’, ‘escorregam’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’” (BAUMAN, 2001, p. 8).

Nesse contexto, a poesia passa a ser evitada e desvalorizada, pois ela vai contra o tempo “ágil” dessa configuração social, visto que realiza um trabalho detido e zeloso com a linguagem, problematizando e desconstruindo, muitas vezes, essa ideologia que se pauta na exploração do ser humano, que intenciona desumanizar o sujeito e desvalorizar a arte. Para Theodor Adorno, a obra de arte terá sempre sua grandeza preservada por

possibilitar a expressão daquilo “que a ideologia esconde” (ADORNO, 1980, p. 195).

Desde a lírica moderna, a fragmentação do “eu” se tornou um tema recorrente na poesia, principalmente após o embate do sujeito perante o transcendente e a posterior proclamação da “morte de Deus”, durante a virada do século XIX para o XX, momento em que se tornou possível questionar os postulados basilares do pensamento Ocidental. A “morte de Deus” é proclamada por Nietzsche, na obra *A Gaia Ciência* (1882):

Deus está morto! Deus permanece morto! E quem o matou fomos nós! Como haveremos de nos consolar, nós os algozes dos algozes? O que o mundo possuiu, até agora, de mais sagrado e mais poderoso sucumbiu exangue aos golpes das nossas lâminas. Quem nos limpará desse sangue? Qual a água que nos lavará? Que solenidades de desagravo, que jogos sagrados haveremos de inventar? A grandiosidade deste ato não será demasiada para nós? Não teremos de nos tornar nós próprios deuses, para parecermos apenas dignos dele? Nunca existiu ato mais grandioso, e, quem quer que nasça depois de nós, passará a fazer parte, mercê deste ato, de uma história superior a toda a história até hoje! (NIETZSCHE, 2001, p. 60).

Em “Sonetinho de verão”, de Paulo Henriques Britto, nota-se a representação poética do cenário angustiado e desiludido que a lírica moderna deixou como legado para a contemporaneidade (ou modernidade tardia). Há no poema, por exemplo, a menção à ideia nietzschiana da ausência de “Deus”, ou melhor, “deus”, com letra minúscula, o que dá a ideia de que o “eu lírico” não se restringe à divindade bíblica:

Sonetinho de verão

Traído pelas palavras.
O mundo não tem concerto.
Meu coração se agonia.
Minha alma se escalavra.
Meu corpo não liga não.

A idéia resiste ao verso,
o verso recusa a rima,
a rima afronta a razão
e a razão desatina.
Desejo manda lembranças.

O poema não deu certo.
A vida não deu em nada.
Não há deus. Não há esperança.
Amanhã deve dar praia
(BRITTO, 1997, p. 18).

Após a leitura de “Sonetinho de verão”, extraído do livro *Trovar claro* (1997), observa-se que para o “eu lírico” o mundo contemporâneo, da globalização e da indústria cultural, “não tem concerto”, seguirá do mesmo modo, agonizando o sujeito, pois “não há esperança”. Como dito anteriormente, há uma referência à ausência de “deus”, seja ele de que credo/religião for. O “eu lírico” evidencia e ironiza, ao mesmo tempo, o conflito do sujeito diante de um mundo desconcertado, arrematando o poema com um verso (“Amanhã deve dar praia”) que, pelo menos aparentemente, demonstra a representação de uma postura de alheamento/resignação em relação a essa situação. Essa representação de uma posição de indiferença/aceitação frente a esse cenário angustiante da modernidade tardia não se vislumbra no poema “Felicidade”, de Iacyr Anderson Freitas:

“Felicidade”

A Júlio Polidoro

por toda a vida
procurei essa palavra
e a fortuna
me faltava

por toda a vida
sem bússola ou mapa
procurei somente
essa palavra

que agora me escapa
(FREITAS, 2007, p. 23)

No poema acima, extraído do livro *Quaradouro* (2007), percebe-se que o “eu lírico” não consegue encontrar sentido na palavra “felicidade”, escrita, de forma intencional, entre aspas, indicando a ideia de algo problematizável ou

irônico. Por meio do que está expresso no poema de Iacyr Anderson Freitas, é possível dizer que a busca do “eu lírico” por esse referido sentimento provoca incompletude, incerteza, deslocamento e, ironicamente, infelicidade. Nesse cenário, pode-se relacionar o poema com a crise que acomete o sujeito desde o advento da lírica moderna, com a representação poética das hesitações e incertezas que o mesmo passou a enfrentar desde a consolidação do sistema capitalista, a disseminação do consumismo desmedido e o triunfo da cultura de massa.

Esse conflito do sujeito encontrou-se ainda mais ampliado com a crise da cultura ocasionada pela indústria cultural: o senso de identidade e a unidade de consciência ruíram. O sujeito passou, então, a não ter mais convicção daquilo que é, tornando-se um ser despedaçado e inseguro, enfrentando uma série de aporias. O texto poético “Um estranho se apresenta”, de Iacyr Anderson Freitas, ilustra isso:

Um estranho se apresenta

Não posso me reconhecer
nos documentos que me deram.

Sinto muito,
mas essa fotografia não é
minha,
assim como não são esses
os meus pais.

Há muito me perdi,
desencontrei-me.
Sequer conheço
a mão que me escreve agora
ou a cidade que me arrasta
para uma data qualquer
nessa certidão de nascimento.

Não tenho esposa.
Não tive filhos.
Jamais poderei dizer
diante de qualquer júizo
o meu verdadeiro nome.

Meu passado não me sabe
ainda.

A meu lado, sem palavra,
urge um ouro derruído
(FREITAS, 2002, p. 30).

O texto acima, extraído da obra *A soleira e o século* (2002), exemplifica a ideia de que na cena da modernidade tardia o sujeito está fragmentado, incompleto, confuso, difuso. Essa representação é, evidentemente, uma reverberação da lírica moderna na poesia contemporânea. O “eu lírico” do poema de Freitas ilustra o resultado do processo de intensificação da massificação da cultura, promovido pela indústria cultural, por meio do qual o sujeito e o seu senso de identidade se fraturaram.

Na sociedade capitalista, o sujeito é estimulado a enxergar nos atos de “comprar” e de “possuir” uma forma de suprir as suas incompletudes e insatisfações. O capital, o poder, o consumo e a competição geram uma sociedade avessa à cooperação e à solidariedade, coisificam o mundo e o ser humano. Desde a lírica moderna, procura-se expressar esse processo, tanto no plano da forma quanto do conteúdo. Muitos poetas modernos e contemporâneos representaram/representam em suas produções poéticas – de modo muitas vezes crítico – as consequências e os dilemas que esse sistema centrado no capitalismo provoca no sujeito. No que tange a essa prerrogativa de problematização por parte da lírica diante da realidade de dominação das mercadorias sobre os seres humanos e a consequente coisificação do sujeito e do mundo, Theodor Adorno fez a seguinte colocação:

Contudo, essa exigência feita à lírica, a exigência da palavra virginal, é em si mesma social. Implica o protesto contra uma situação social que todo indivíduo experimenta como hostil, alienada, fria e opressiva, uma situação que se imprime em negativo na configuração lírica: quanto mais essa situação pesa sobre ela, mais inflexivelmente a configuração resiste, não se curvando a nada de heterônimo e constituindo-se inteiramente segundo suas próprias leis. Seu distanciamento da mera existência torna-se a medida do que há nesta de falso e ruim. Em protesto contra ela, o

poema enuncia o sonho de um mundo em que essa situação seria diferente. A idiossincrasia do espírito lírico contra a prepotência das coisas é uma forma de reação à coisificação do mundo, à dominação das mercadorias sobre os homens, que se propagou desde o início da Era Moderna e que, desde a Revolução Industrial, desdobrou-se em força dominante da vida. Mesmo o culto à coisa (*Dingcult*), pretendido por Rilke, já pertence ao círculo encantado de tal idiossincrasia, como uma tentativa de assimilar e resolver na expressão subjetivamente pura as coisas alienadas, creditando metafisicamente em favor delas essa sua alienação. A fraqueza estética desse culto à coisa, seu gesto afetadamente misterioso e sua mistura de religião e artesanato, denuncia ao mesmo tempo o real poder da coisificação, que não se deixa mais dourar por nenhuma aura lírica, nem se resgatar pelo sentido (ADORNO, 2003, p. 68-69).

Para Zygmunt Bauman, na sociedade capitalista aprende-se a conviver com “visões diárias de fome, falta de teto, vidas sem futuro e dignidade e, ao mesmo tempo, viver felizes, gozar o dia e dormir tranquilamente à noite” (BAUMAN, 1999, p. 272). Isso ocorre porque esse tipo de sociedade estimula a competitividade desmedida, tenta incutir a todo custo no imaginário do sujeito o individualismo, o desprezo e a falta de compaixão pelo outro. Evita-se, assim, o exercício da empatia e da alteridade, ampliando-se a crise do sujeito. O poema “A poesia”, de Francisco Alvim, possibilita a leitura dessa competitividade desmedida alimentada pelo capitalismo:

A poesia

Houve um tempo
em que Schmidt e Vinicius
dividiam as preferências
como maior poeta do Brasil
Quando por unanimidade ou
quase
nesse jogo tolo
de se querer medir tudo
Drummond foi o escolhido
ele comentou
alguém já me mediou
com fita métrica
para saber se de fato sou
o maior poeta?

Estava certo
Pois a poesia

quando ocorre
tem mesmo a perfeição
do metro –
nem o mais
nem o menos
– só que de um metro nenhum
um metro ninguém
um metro de nada (ALVIM,
2011, p. 53)

O poema acima, retirado da obra *O metro nenhum* (2011), permite refletir a respeito da disputa desenfreada alimentada pela sociedade capitalista. Nele, o “eu lírico” faz referência ao “jogo tolo de se querer medir tudo”. Com um tom de humor e de ironia, o poema de Francisco Alvim tematiza a poesia e expressa a astúcia da postura da personagem Carlos Drummond de Andrade, o qual, no poema, refuta com uma sarcástica brincadeira o título de “maior poeta do Brasil”, ao fazer a seguinte pergunta, expressada em versos pelo “eu poético” de “A poesia”: “alguém já me mediu com fita métrica para saber se de fato sou o maior poeta?”.

A maneira de ver e de sentir próprias do espírito lírico moderno ecoam na poesia contemporânea, a qual também se volta para as circunstâncias, hesitações e dilemas que continuam a repercutir na crise do sujeito. Os poemas aqui analisados evidenciam um modo de pensar, problematizar e representar o processo de coisificação da existência, do mundo e dos seres humanos, acentuado pela sociedade capitalista neoliberal. Nesse sentido, é possível dizer que os poetas Paulo Henriques Britto, Francisco Alvim e Iacyr Anderson Freitas são representativos desse espírito lírico na poesia contemporânea brasileira, visto que seus respectivos poemas possibilitam refletir acerca dos questionamentos que se impõem ao sujeito na modernidade tardia, expressando em versos as múltiplas incertezas e contradições que atingem o sujeito na contemporaneidade.

Referências

ADORNO, Theodor. Lírica e sociedade. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor; HABERMAS, Jürgen. *Textos escolhidos*. Trad. José Lino Grünewald *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: _____. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2003, p. 65-89.

ALVIM, Francisco. *Poemas [1968-2000]*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

ALVIM, Francisco. *O metro nenhum*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa*. Trad. Alexei Bueno *et al.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRITTO, Paulo Henriques. *Trovar claro*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

BRITTO, Paulo Henriques. *Tarde*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

BRITTO, Paulo Henriques. *Formas do nada*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

FREITAS, Iacyr Anderson. *A soleira e o século*. São Paulo: Nankin, 2002.

FREITAS, Iacyr Anderson. *Primeiras letras*. São Paulo: Nankin, 2007.

FREITAS, Iacyr Anderson. *Quaradouro*. São Paulo: Nankin, 2007.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*.

Trad. Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

HAMBURGER, Michael. *A verdade da poesia: tensões na poesia modernista desde Baudelaire*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

MERQUIOR, José Guilherme. *Formalismo e Tradição Moderna*. São Paulo: EDUSP, 1974.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. *Para além do bem e do mal*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Submissão: julho de 2021

Aceite: setembro de 2021.